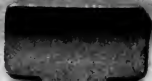
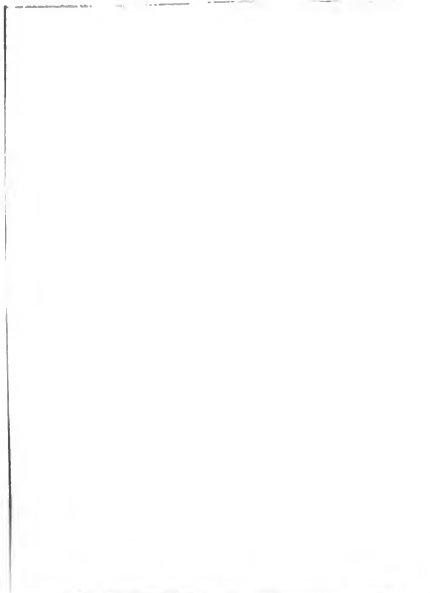


B. N. C
FIRENZE
1002
26



1002. 26



ADVERTENCIA

Que hum Ministro do Principe

D. P E D R O

LHE FAZ SOBRE O ESTADO DO
Reyno de Portugal,

1 6 7 7.

SENHOR:



O tempo em que Vossa Alteza he servido
communicar com os seus Ministros de Esta-
do os gloriosos intentos, que tem pera a
paz, & sossego da Christandade; o zelo de
fiel Ministro me obriga, a que peça a V. A.
queira suspender os seus illustres pensamen-
tos pera os pòr na consideração do estado presente das cousas
de Portugal, & na representação da gloria, que V. A. lhe póde
grangear, valendose dos meios que parece lhe offerece o Ceo,
continuando aquella antiga protecção, de que sempre se expe-
rimentaraõ neste Reyno prodigiosos effectos.

E porque o amor de minha Patria, & a inuiolavel fidelida-
de com que desejo servir a V. A. saõ os motiuos que daõ ani-
mo pera esta confiança, espero serãõ gratos a V. A. & que à
imitação do mais augusto Senado da terra, permitirá V. A.
que os que gozãõ honra de entrar no seu Conselho, naõ só de

A

o seu

Erant quippe
adhuc tre-
quens senato-
ribus si quid à
Republica cre-
derent loco
sententia pro-
mere.
Nec sane ideo
à majoribus
cõcessum est
egredi ali, uñ
do relationem.
Tacit. 2. Ann.



10026

o seu parecer sobre as cousas que se propoẽ ; mas que tambem representem com o deuido respeito, tudo o que o seu zelo lhes inspirar em ordem ao bem commum.

Determina V. A. de leuantar hum templo à paz vnũersal, empreza digna de V. A. glorioso imitador da piedade dos Reys seus Auõs ; mas primeiro que se lancem os alicerces de hum taõ grande fabrica ; conuem que V. A. tome a vltima resoluçaõ , sobre hum negocio muitas vezes ventilado ; considerãdo que todos os bõs successos , que V. A. terà no gouerno desta Monarquia, serãõ gloriosas cõsequencias desta resoluçaõ.

O negocio de que se trata , he saber, se ao Reyno de Portugal, no estado em que està, conuem conseruar a paz com Castella , ou se lhe està melhor declarar guerra à Castella.

Os que disfarçaõ a sua conueniencia com o specioso nome da paz, trazem estas duas razoes. !

A primeira respeita a justiça , & fee publica , fundada em hum solemne Tratado de paz , que parece V. A. he obrigado a guardar, & fazer obseruar religiosamente em todas as partes ; por naõ offender no mesmo tempo a justiça, & a consciencia, & por naõ violar o que V. A. tem prometido, & jurado.

A segunda razãõ està fundada no bem cõmum desta paz , pera a qual se trabalhou tantos annos, se gastou tanto dinheiro, & se derramou tanto sangue ; E neste bem cõmum se encerrã o aliuio , & o descanço dos Vassallos de V. A. a cessaçaõ das violencias , & de fardens , que consigo necessariamente traz a guerra , & todas as mais ventajens , que sãõ frutos da tranquillidade da paz.

Estas , Senhor , sãõ as mais poderosas razoes , de que pretendo mostrar a nullidade , representando a V. A. que os fundamentos em que se estribãõ (ainda que muy firmes , & solidos pera outras occasiõens) considerando o estado em que o Reyno està , nãõ tem nenhuma subsistencia pera a nossa segurança ; mas antes se deuem temer como manifestas disposiçoens pera a nossa destruiçaõ, & ruina.

Naõ

Não me quero empenhar em confutar outras muitas razões, que não tendo mais que hũa vã apparencia, nem outro motiuo mais que o interesse particular dos que as allegaõ, não são pera ponderadas, quando se trata do bem cõmun, posto que como enganosas sempre se hão de temer; porque o veneno que encerrão, he quanto mais escondido, mais perigoso.

Tenho pera mim, que conforme às leys mais sagradas, & estabelecidas pello cõmun consenso dos homens, pôde V. A. quebrar as pazes feitas com Castella, & declarar-lhe guerra, sem offensa da justiça, & sem aggrauo da sua consciencia, não sendo este tratado de pazes, outra cousa mais que huma idea vã das leys da justiça, & das obrigaçoens da consciencia. E he isto tanto assim, que não sòmente não vemos, que se obseruem os artigos deste tratado mais importantes á Coroa de V. A. mas antes experimentamos, que os mais sanctos, & essenciaes artigos d'elle se não guardão; & se este tratado empenha a V. A. em algũa cousa, entendo que o maior empenho consiste na justa vingança dos aggrauos que se fazem a Vossa Alteza com não se effectuarem as clausulas deste tratado.

A primeira injustiça que os Castelhanos cometem, he a usurpação do nome de Rey de Portugal, prejudicial ao direito da Magestade.

Proua disto são as instancias que o Marquez de Aronches, Embaixador de V. A. fez em Madrid, às quaes se respondeo com hum decreto, pello qual em virtude das pazes feitas em Portugal, se prohibio que nos actos publicos se desse a el-Rey Catholico o titulo de Rey de Portugal; mas porque não se obseruaua este decreto em todos os Tribunaes de Madrid (como o Marquez de Gouuea prouou, com exhibir hũa sentença do Conselho Real, na qual el-Rey de Castella ainda se intitulaua Rey de Portugal) pedio que se executasse, & que no mesmo tempo se castigassem com rigor os que tinham desobedecido a este decreto, contentarãose com lhe dar por-

A ij

re-

4

reposta, q se mandariao as ordẽs precisas , pera dali por diante se executar , perdoandose por entã aos que o violariao ; mas não guardou o Conselho de Castella esta vltima , & tão precisa resolução , porque atẽ o dia de hoje se vza o mesmo estillo todos os actos publicos , que não vem pera Portugal , & os Reis Reaes trazem as armas deste Reyno:

Da vsurpação do nome passou el-Rey Cathollico pera a vsurpação da soberania , que hoje pretende exercitar nos Estados de V. A. dando a D. Pedro de Menezes o titulo de Duque de Caminha , & o que he mais pera se estranhar nesta vsurpação he , que como este Ducado de Caminha està situado no Reyno de Portugal, & que foi confiscado na pessoa de Dom Luis de Menezes, sentenciado à morte , & justicado no anno de 1642. juntamente cõ D. Miguel de Menezes Marquez de Villa Real seu pay , por hauer conspirado contra a pessoa del-Rey D. Ioão ; o dito D. Pedro de Menezes seu pretendido herdeiro passou pera Portugal logo depois das pazes de 1668. com tenção de pedir , que o metessem de posse da dita successão. Mas conhecendo elle mesmo a injustiça da sua pertença , se valco da authoridade da Raynha de Castella , que contra o tratado da paz , não reparou em premiar na pessoa do pretendente os seruiços , que seus Avõs com hũa acção de todos os Potentados tão aborrecida , quizerão fazer à Coroa de Castella.

Não satisfeito el-Rey de Castella com vsurpar a authoridade que não lhe pertencia , chegou a se apoderar dos bens que tinha obrigação de restituir ; porque contra o outauo artigo do tratado da paz , em que os Reis de Portugal , & Castella, reciprocamente se obrigarão a restituir aos subditos de hũa , & outra Coroa , todos os bens que lhe forão tirados no tempo da guerra , não quiz tornar a meter de posse a casa de Medina Sidonia das terras de S. Lucar, negando a propria casa de V. A. hũa justiça , que V. A. hauia estipulado pera o menor dos seus Vassallos.

Desta

Desta injustiça fez V. A. queixas pello Marquez de Gouuea , a que não se deu outra satisfação mais que esta re-
posta por boca dos Ministros del-Rey de Castella , a saber ,
que se examinara este negocio nos seus Conselhos , & prin-
cipalmente no da Consciencia , & que em todos geralmente se
assentara , que esta restituição não podia estar comprehendi-
da no artigo do tratado da paz.

Tribunaes são estes de que se não entende a jurispruden-
cia nos mais Estados da Europa , & que parece se gover-
nao pellas maximas , pellas quaes Ioaõ Gil Pelamino Saaue-
dra foi condemnado à morte contra o theor do mesmo artigo ,
que traz formalmente huma abolição geral ; como tambem
contra as leys da hospitalidade , foraõ condenados Francisco
de Vtra , Manoel de Souza , & Miguel laques, Mestres de naos
Portuguezas , que nas mãos dos Castelhãos miseravelmente
cahiraõ desbaratados da tempestade.

Supposto isto, que prouas temos da execução de hum tra-
tado que V. A. tão religiosamente obserua? o titulo de Rey?
Castella o retem ; a soberania da authoridade? Castella a exer-
cita ; os bens dos amigos de V. A. Castella confiscou ; a liber-
dade dos presos? está nas prisoes de Castella. Causou pois a
paz grandes mudanças no credito de hũa , & outra Coroa. Os
que dauão ignominiosamente as costas aos Generaes dos E-
xercitos de V. A. armaraõ toda a Cidade de Madrid con-
tra a pessoa do seu Embaixador , & estes mesmos que pu-
blicamente se jactauão , de querer reduzir a casa de V. A. a cin-
zas com os incendios da guerra ; tem jurado nos seus secretos
conselhos, que havião de procurar esta tão suspirada extinção
com o silencio, & tranquillidade de hũa profunda paz.

Viose em Madrid nos 27. de Septembro de 1673. a casa
do Embaixador de V. A. enuestida, a cometida com pedradas ,
& finalmente viose arder , aticandose este fogo , & solici-
tandose esta conspiração por meio de hum Magistrado , a
quem (conforme o direito das gentes) pertencia oporse a

semelhantes insultos ! & que outra cousa foi este tão temerario excesso ? q̃o desdouro , & o discredito manifesto da authoridade de hum Principe soberano , enuilecida , & anniquilada com os aggrauos que se fizeram à sua pessoa , na de seu Ministro ., & de tal Ministro. Soube a Europa a satisfação que atêgora se deu em desagrauo de hum tão publica , & atroz injuria.

Pera não buscar nas memorias da antiguidade exemplos demonstradores da justiça , & gloria de huma guerra mouida , & declarada sô pera se tomar vingança de huma semelhante afronta , basta tornar a pôr diante dos olhos o que nestes nossos tempos succedeo em Roma , no tocante à pessoa do Duque de Crequy Embaixador de França ; porque constara que logo que a el-Rey Christianissimo se deu informação do successo , mandou Sua Magestade ordem ao Nuncio , que entam residia na sua Corte , que subiraneamente se retirasse de Paris, pera a Cidade que lhe nomearam , com pretexto de se euitarem as violencias do pouo , contra a sua pessoa , & a dos seus Domesticos ; & porque este Prelado difficultaua a execução de hum tão repentina despedida , chegarão a lhe significar que a resistencia que fazia , empenharia Sua Magestade a usar do seu poder pera a vencer. No mesmo tempo, el-Rey Christianissimo determinou de se apoderar do Estado de Avinhão, que pertence à Igreja, & mouer guerra ao Summo Pontifice, não hauendo nenhum Principe Christão , a que não pareceisse justissima esta resolução.

Em conclusão estaua Sua Magestade resoluta a vingar este aggrauo , usando pera isto dos mais violentos remedios , se o Tratado de Pisa não suspendera os effeitos de hum tão justa inclinação ; dando a cabeça da Igreja a seu primogenito satisfações , que por qualquer outro motiuo não houuerão conseguido hum applauso tão vniuersal.

Satisfações serão estas, de que toda a Europa teve noticia, & que

aos publicos interesses do Reyno; & he prouauel que oure muitos outros complices desta mesma conjuraçã, de que parece V.A. quiz ignorar os nomes, pera dar mostras de hũa generosidade 2 que só he propria dos Heroes.

Finalmente fizeram os Castelhanos o que puderã pera atropellarem 3 a authoridade da Igreja, pera desfazerem as leys fundamentaes 4 do Estado de V.A. no seu proprio Real sangue, & no da Senhora Infanta, & amontoarã crimes sobre crimes pera se assegurarem a recuperaçã de Portugal.

Sendo isto assim, não sei, se me será licito perguntar a V. A. se o escrupulo de consciencia, cõ que pretendem ter a V.A. defarmado, não desperta no coração de V. A. heroicos alentos pera a satisfação da justiça, que V. A. se deue a si mesmo, & aos seus Estados. Sim, Senhor, tenho confiança pera fazer a V. A. esta pergunta, & quasi me atreuo a significar a V. A. que está obrigado a seguir os impulsos daquelle generoso, & legitimo escrupulo de consciencia, quero dizer, os ditames daquelle inuariavel constancia, com que el-Rey D. Ioam de gloriosa memoria Pay de Vossa Alteza, defendeo com as armas nas mãos esta mesma justiça, da qual conuém que V. A. seja o soberano arbitro nos seus Estados, pera conseruação da sua reputação, da sua Coroa, & da sua propria pessoa.

Estes pois tão sagrados interesses nam permitem a V. A. maiores dilações (pois está obrigado em consciencia a se preuenir contra os desconcertos, que a tardança póde occasionar) & com forçosas razoes persuadem a V. A. que com o poder das armas, obrigue á Castella a dar huma inteira satisfação dos insultos que tem feito, & aceitar hũa paz de que Portugal não possa temer a alteração.

Eis ahi Senhor o que a justiça pede da pessoa de V. A. vejamos o que compete ao bem commum.

Todos os Príncipes que se resolvem a fazer pazes, se deixaõ

leuar

2 Illa tuit vera. & incompa-
rabilis inuicti
animi sublimi-
tas: capis a-
pud Pharsalia
Pompeij mag-
ni scrinijs epi-
stolarum, ite-
rumque apud
Taptum Sappio-
nis, ea optima
cõseruasse si-
de atque non
legisse.
Plin. in laude
Cæsaris lib. 7.
3 Querendo
destruzer o
Matrimonio
de S. A. feito,
& cõtinuado
pella authori-
dade do Su-
mo Pontífice.
4 Querendo re-
stituir ao Tro-
no el-Rey D.
Afonso sem
embargo da
sua incapaci-
dade, & contra
as determina-
ções dos Esta-
dos.

leuar de hum destes dous mótiuos, o intereffe, ou a necessidade : intereffe das ventajens effectiuas , & reaes que pretendem , ou a necessidade a que a debilitação, & fraqueza das suas forças os reduzirão.

Supposto este primeiro principio, não pretendo pro-
por a Vossa Alteza , que faça guerra por vã-gloria da re-
putação , nem por ambiçam de acrescentar os limites da
sua Monarquia ; razoens que de ordinario empenhão aos
Príncipes a que tomem as armas. Mas o meu intento he,
que Portugal chegue a conseguir por meio da paz , os
bens de que a lisonja lhe representa enganosamente o
logro , & que finalmente se troque esta paz falsa , & ca-
uillofa , em huma verdadeira, & segura paz , o que não se póde
alcançar se não com a declaração da guerra.

Pera proua de que as pazes que se fizerão no anno de
1668. não são pazes pera nós , mas antes huma mera illusão ,
com que Castella encobre o enueterado odio da sua nação con-
tra a nossa, & juntamente o insaciavel desejo da nossa ruina, &
vassallagem:

Pergunto , que utilidade tirou o Estado de Vossa Al-
teza desta pretendida paz depois de outo annos , que nel-
la se falla , & que se vê o seu nome impresso em hum Tra-
tado ? Nam tem elle sempre os mesmos inimigos que re-
bater ? com tanto maior perigo , quanto maior he a ne-
cessidade em que se vê de se defender no mesmo tempo das
suas armas , & dos seus artificios. Todos andão buscando
esta paz ; mas ainda não se achou , & se os pouos a deseja-
ram , foi porque imaginaram que haviã de tomar nos
braços huma diuidade , que na realidade nam foi outra cousa
que huma nuem que se exhalou em relampagos, & rebentou
em rayos.

E nam se diga , que a paz he o mais doce dos fru-
tos , mas que ainda nam está maduro pera o gosto ; por-
que nenhum da natureza , necessita de outo annos de

tempo pera madurecer ; & não conhece a natureza da paz, quem a poem no numero dos frutos ferodios ; porque a paz he hum fruto maduro , & saboroso desde o seu nascimento , do mesmo modo que os frutos da oliveira (que sam o symbolo da paz) ostentão na sua primeira verdura a sua madureza.

Mas se ainda nam conhecemos os effectos desta pretendida paz ; affaz os experimentão os nossos inimigos , pois lhes deu lugar pera por tão differentes modos sollicitarem a nossa ruina , & o que se não poderão persuadir os vindouros, he que não ouue castigos pera a sua temeridade , por nam querer Vossa Alteza quebrar esta paz , que com tão grande cuidado conseruamos , & que agora os Castelhanos continuam com tantos resguardos , & protestaçoens de amizade. Paz que pera elles he mais que verdadeira, pois com ella cessão as nossas victorias, & falta a V.A. a materia dos seus triumphos.

E na verdade , se Vossa Alteza quer saber, quem effectivamente logra os bens desta paz ; examine Vossa Alteza os **procedimentos** dos Castelhanos , pondere as tençoens dos seus Ministros , confidere os meios de que se seruirão pera concludirem a paz , & as nullidades essenciaes que contem , & que elles affectaram de pôr pera sempre terem a porta aberta pera os reclamos , & pera entre-tanto especarem , que se lhe offereça occasião de nos tornarem a pôr nos grilhoens com a força, ou com a destreza.

Este he o maior segredo da sua politica , & este misterio se nos descubrio pellas aduertencias do Duque de Medina de las Torres ; do Marquez de Castel-Rodrigo , & do Conde de Reboledo. Representarão estes Ministros a el-Rey Catholico , & aos que tratauão as redeas do governo no tempo da sua minoridade , que a sua Monarquia propendia pera o occaso , & que esta ruina se originaua dos poderosos esforços del-Rey Christianissimo em Flandes,

des, & das mortaes feridas, que as armas victoriosas de Portugal faziam no coraçam dos seus Estados: que aquelle poder de Castella, quedantes era tão formidauel, estaua sem forças, sem soldados, sem Capitaens, sem dinheiro, sem amigos, & sem aliados, que lhe quizessem dar a mão pera a saluarem do naufragio; & que neste lamentauel desamparo, o vnico remedio que tinham era a paz com Portugal, porque desfazendose, por meio desta paz, a vniam que Portugal tinha com França, como andar do tempo seria muito mais facil a conquista de Portugal; que esta mesma paz augmentaria a communicacão de Portugal com Castella, & assim daria lugar pera nouas intelligencias, & pera a execuçam das mais arduas empresas; que a lisonjera serenidade desta paz vnida com a natural confiança dos Portuguezes, infalliulemente os induziria a se entregar à ociosidade, & a hum profundo letargo, & que dissipandose por este modo os soldados, descontinuandose o exercicio das armas, & consumindose insensiulemente a milicia, com a morte dos Capitaens, & Officiaes, ficaria o Reyno totalmente prostrado, & destituido dos auxilios, com que se podera estoruar a sua conquista; & que quando (por huma impossibilidade moral) nam produziſſe a paz todos estes effeitos, começariam os Portuguezes a fazer guerra huns com os outros, estimulados dos intestinos dis-
 sabores, & discordias, que a enueja, & a defunião, filhas do descanço, & da ociosidade, de ordinario introduzem nas maiores Monarquias.

Este conselho dado por Ministros zelosos dos interesses de Castella, & perspicazes pera os danos de Portugal, preualeceo à opinião de muitos outros Ministros: foi determinado que se fizessem as pazes; & fizeraõse. Assim os Castelhanos vécidos puzeraõ; leys aos Portuguezes victoriosos, empenhando-os a que aceitasssem hum tratado, composto

5 E finalmente por lo mucho que desea complazer al dicho Sereniss. Rey de la grã Bretaña se han ajustado los treze Capitulos de paz que van puestas en vn proyecto à parte. Poder do Marquez de Eliche plenipotenciario.

6 Tratado de
Munster com
os Hollande-
zes.

de treze artigos discutidos, & regulados em Madrid, sem ninguém se achar presente pera sustentar os nossos interesses. Os dos nossos inimigos pello contrario, foram tratados com tam grande destreza, & sagacidade, que se escusaram de assinar huma formal renunciação das suas pretenções sobre o Reyno de Portugal. Renunciação 6 de que lhe nam pode esquecer o vso, & estilo; & sem a qual pretende el Rey de Castella ter sempre os mesmos direitos; pois no poder do Marquez de Eliche plenipotenciario pera a assinação do dito tratado, elle tem reseruado pera si a qualidade de Rey das Espanhas, como hum titulo autentico pera sustentar as suas injustas pretenções, & pera quando se lhe offerecer huma fauoravel occasião, reclamar contra tudo o que se fez no tempo da sua minoridade.

E he isto tanto assim, que consta que (pera se dar a esta pretenção, de que se não duuidaua que algum dia tiuesse effeito, hum fundamento mais apparente de justiça, & de Religião) se consultarão as Vniuersidades de Castella sobre o intento da paz; & assentarão que deixaua o direito del-Rey na sua força, & vigor, & em estado de se poder valer delle; pera a recuperação de Portugal, todas as vezes que se offerecesse a occasião; sem que este tratado fosse de algum impedimento.

7 A Raynha
Regente não
sendo arbitra,
nem senhora
dos Estados
do seu filho,
não podia dis-
por delles no
tempo da sua
administração
No luto intitu-
tulado Escudo
de Estado, &
de justiça im-
presso no ann.
1667.

Não se deue pôr em duuida que os politicos de Castella se conformarão com o parecer das Vniuersidades, persuadindose que a Raynha de Castella como Tutora 7 não podia dispor dos bens de seu pupillo, nem dar ao Marquez de Eliche poder bastante pera fazer deixação de hum grande Reyno, que os Reys Catholicos tinham pacificamente possuido pello espaço de 60. annos; & assim não difficultarão a conclusão deste tratado, como tambem não farão difficuldade de o quebrantar, pois el-Rey de Inglaterra medianeiro das pazes, não se tinha obrigado a fazelo executar com as armas, assim como foi estipulado

pulado em todos os tratados que com reciproca fingeleza se alinirão.

De tudo o que se deve inferir, que não sendo esta paz outra cousa que huma ficção, nam devemos duuidar de buscar a nossa segurança na presente conjunção, pondo a Castella em estado, de nos nam poder fazer guerra, & de se não poder valer nem da força, nem da industria, pera nos tornar a tirar a liberdade. E se os Castelhanos confessam nos seus escritos, & nas juntas particulares, que trazem impresso no coração o desejo, & a resolução de nos conquistarem; & se toda a Europa fica conuencida desta verdade; fatalidade fora antes que desgraça, sermos nós sóz os que não o pudessemos crer, & que depois de tão claras demonstraçoẽs, quizessemos com monstruosa cegueira ser nós mesmos os destruidores da nossa Monarquia, & das nossas familias.

8 Nisto fomos semelhantes a huma illustre nação de Alemanha, que com pretexto de nam se ver acometida pellos seus vezinhos, & preferindo a doçura da paz que lograva a segurança que lhe podia dar a guerra, conheceo, mas tarde, que a paz era a causa da ruina. E por este modo homens que tinham grande reputação foram depois com diseredito da sua nação tratados de pusillanimes, & mentecautos; & como pello contrario a felicidade actiuidade dos seus vezinhos, & a prosperidade das suas armas, foram julgados effeitos do seu valor, & da sua prudencia.

8 Cherusei nimis ac maref-
cetem diu pa-
cem illacessi-
ti nutrierunt,
idque jucun-
dus quam tu-
tius fuit: Ita
qui olim boni
acnique Cher-
usei, nunc
inertes ac stul-
ti vocantur:
Cattis victo-
ribus fortuna
in sapientiam
cessit.
Tacit. de mor.
Getm.

A consequencia que de todos estes argumentos se tira, he que nam conseruamos a paz, pello interesse dos bens que nos prometia, pois nam os chegamos a lograr. Resta agora que vejamos, se as nossas forças estão tão debilitadas que necessariamente nos hajamos de fogeitar a hũa tão rigurosa ley.

Com que razoes se pôde inculcar huma proposição

tão

não fora da verdade? temos actualmente em pé a metade das forças, que seriam precisas para huma guerra offensiva, de que a maior parte sendo composta das tropas que se despediram, quando se fizeram as pazes; se pôde dizer que as novas levas juntas às antigas, formarião corpos de Exercitos formidaveis aos nossos inimigos, pello valor, pello numero, & pella reputação; às quaes não poderião os inimigos oppor-se não homens arrastados ao campo, carregados de cadeas, & incapazes de resistir a soldados, em que ainda está fresca a lembrança das ultimas victorias que alcançarão.

Com a prudente economia de seus Ministros tem Vossa Alteza firmado, & acrescentado depois da paz os seus redditos; dos quaes parte consideravel se emprega em pôr todos os annos hum numero de navios capaz de absolutamente arruinar o Commercio dos Castelhanos, tomar as suas frotas, & espalhar as suas forças em varias partes de Espanha, pellos ciúmes que podemos dar a todas as praças da sua dominaçam, situadas nas praias do mar Oceano, & Mediterraneo. Se estas forças maritimas não responderem cabalmente às grandes esperanças, que dellas se podem conceber; na eleição de Vossa Alteza está destinar o cabedal destas despezas para o que julgar conueniente em ordem a alguma mais presente utilidade.

Com a mesma justiça poderá Vossa Alteza abrir para os vossos mais precisos os dous melhores thesouros da sua Monarquia; quero dizer as suas liberalidades, & os corações dos seus vassallos. As liberalidades de Vossa Alteza, que faõ os effeitos da sua generosidade, poderão sustentar huma parte dos dispendios dos Exercitos; os Officiaes, & soldados ainda que crescidos no numero não deixarão de achar os seus trabalhos amplamente premiados, se se abrirem aquellas fontes de beneficios, & merces, que continuamente Vossa Alteza vai esgotando; & de que se não deve recear de desui ar

desuiar por algum tempo as correntes , pera as augmentar com a tranquillidade , & riquezas de huma perpetua paz , que he o aluo , & fim seguro das armas de V. A. Em quanto aos corações dos Vassallos de V. A. elles são os verdadeiros erarios , q̃ sempre se mostrarão inalienaveis , & inexhaustos desde o nascimento da Monarquia Portugueza ; & principalmente nas empresas dirigidas à Magestade do Estado ; como entre todos os mais o tem experimentado os dous Príncipes Ioão I. 9 & Ioão IV. 10 restauradores da Monarquia. Atè agora não teue Vossa Alteza prouas menos euidentes do amor dos Portuguezes, das que antigamente tiuerão estes dous Monarquas, & por cõsequência não se deue V. A. prometer menores assistências.

Além destes cabedaes nos podemos tambem valer da fiel , & experimentada correspondencia dos nossos amigos, que não faltarão de nos acudir com o mesmo desinteresse , que nelles temos conhecido nos maiores apertos.

Em conclusãõ, Sênhor, pera perfeitamente conhecermos, o que podemos esperar das nossas forças , tambem he preciso examinar as que se nos podem opor ; & depois de exactamente ponderada a differença que vai, do que agora são, ao que erão quando as vécemos; he hũa voluntaria cegueira o não conhecer a certeza da victoria, que a declaração da guerra nos promete.

A todas estas razõs, cheas de justiça, & zelo, pera a grã-deza de V. A. & o bem de seu Estado, não se pôde opor mais que hũa sã razão ; a saber que he fora de tempo , o fallar-se em guerra contra hum Príncipe, a quem V. A. lez offerecer a sua mediação. A difficuldade he grande, pois he a vnica que pôde estoruar hũa empresa tão importante, como esta de que se trata ; & assim, Sênhor, conuem que se discute esta materia com as ponderações da mais acordada prudencia, & com o exame da mais escrupulosa religião.

Fez Vossa Alteza offerecer a sua mediação à Castella ; isto foi querer V. A. mostrar o sentimento que tem das calamidades da Christandade, & juntamente manifestar , que

Vossa

9 Filho natural del-Rey de Portugal D. Pedro , eleito Rey no anno de 1385. com a exclusão de D. Beatriz mulher de D. Ioão I. Rey de Castella , filha vnica del-Rey de Portugal, D. Fernão filho legitimo del-Rey D. Pedro.

10 Restituido ao Trono de Portugal no anno de 1640. depois de hũa viurpação de 60. annos sobre os seus Avós feita pelos Reis de Castella.

Vossa Alteza só está prompto pera condenar a hum perpetuo esquecimento os aggrauos feitos à sua dignidade, & á sua pessoa; mas que tambem deseja viuer com o Rey de Castella como bom irmão, & bom vezinho (& o que toda a Europa admira) offerece Vossa Alteza a mão a esta vacillante Monarquia, pera levantar a hum Potentado, cuja exaltação sempre (pera não dizer mais) será formidauel aos Estados de Vossa Alteza. Isto, se me não engano, he o que esta palavra, *Mediaçam*, quer significar a respeito de V.A. & de Castella; & isto he o que V.A. pretende quando se offerece por medianeiro.

Mas, Senhor, não he isto tudo o que Vossa Alteza deue pretender, verdade he, que com estas demonstraçoens satisfaz Vossa Alteza ao deuer de Principe Christão, às inclinaçoens de Principe magnanimo, & às obrigaçoens de Principe, que crê que o direito das gentes não conhece nenhuma differença entre estes dous nomes, *Vezinho, & Amigo*. Mas no mais destas vastas consideraçoens, que se estendem a toda a Europa, não hauerá lugar pera se dar huma vista a Portugal? por ventura lhe basta a Portugal pera a sua segurança, que Vossa Alteza seja Principe Christão, que seja magnanimo, & que seja bom vezinho. Nam, Senhor, tambem he precisa huma declaraçam exacta, euidente, & de que toda a Europa seja fiadora, de como Portugal, & Castella são duas Coroas tão independentes huma da outra, como o são França, & Castella. Confesso que Vossa Alteza tem huma declaração desta verdade affaz autentica no tratado das pazes de 1668. pera pôr em saluo a gloria de Portugal, & a consciencia dos que sustentarão os interesses da Casa de Vossa Alteza. Mas ainda lhe falta a esta declaração, o que he preciso pera se cortar aquelle nó de astucias politicas que com pernicioza sutileza interpretam todos os tratados. Tambem lhe falta o que ha mister pera conuencer, não ao Conselho, mas aos pouos de Castella, que todas

todas as guerras que se fizerem pera conquistar a Portugal ,
 feraõ sem-razoens , injustiças , & vsurpaçoens. Da parte da
 Vossa Alteza o tratado està cheo de lealdade ; & da parte
 dos Castelhanos està cheo de artificios. Muito tempo ha
 que a Europa o aduertio. Com a mediação , pois , tinha Vossa
 Alteza achado hum meio suaue , & justo pera suprir todas
 estas omissoens , a que os Politicos chamaõ faltas essen-
 ciaes. Nesta celebre junta de Nimegues , que atrahe pe-
 ra si os olhos de toda a Christandade , tiveram os Em-
 baixadores de Vossa Alteza recebido com inteira justiça ,
 & com inexplicavel contentamento dos aliadõs de Vossa
 Alteza , aquella publica congratulação da restituição de Vos-
 sa Alteza , ao trono dos seus antepassados , & todos os Prin-
 cepez da Europa ouueram deferido com alegria , & sustenta-
 do com as armas , o que se difficultou a V. A. pello espaço de
 tantos annos.

Bem o conheceram os Castelhanos , quando com desuios
 (que humildemente peço a Vossa Alteza queira considerar)
 atalharam a Vossa Alteza este caminho , que vai pera o templo
 da paz.

Com grande applauso recebeu o Conselho de Estado
 a communicacão , que Vossa Alteza lhe fez do seu designio
 acerca da mediação ; & nam pôde ninguem negar o seu
 voto , & a sua approuação a hum intento tam vtil , & tam
 glorioso pera o Estado. E assim nos 13. de Agosto de 1676.
 foi offerecida aos Reys de França , & Castella , & aos Esta-
 dos Geraes , com os despachos que o Secretario de Estado
 de Vossa Alteza , poz nas mãos de seus Ministros. Tambem
 Vossa Alteza fez dar parte della ao Nuncio do Papa , & ao
 Residente de Inglaterra , cujos Senhores já hauiam sido acei-
 tados por medianeiros. Todos estes Ministros nam du-
 uidaram de summamente festejar a proposição de Vossa
 Alteza , como muito vtil pera seus Senhores , & muito con-
 forme com o seu zelo pera o sossego da Christandade. Só o

En-

Enviado de Castella sentio diuersamente, & se quando o Secretario de Estado lhepoz o despacho nas mãos, algum reparo o obrigou a que mudasse o espanto que mostrara, em huma especie de alegria polla proua de amizade que Vossa Alteza daua a seu Senlior, outro reparo mais pesado, & apparentemente mais conforme com as instrucçoens geraes que tem, o obrigou a que o dia seguinte não fallasse mais com termos tão posituios, representando ao Secretario de Estado que difficilmente poderia el-Rey Catholico dar a resposta sem o parecer dos seus confederados.

Este Senhor, he o primeiro progresso que se fez em nome de Castella, & do qual se pôde claramente arguir, que Castella não imaginaua que Vossa Alteza se achasse em estado de levantar o pensamento a tão gloriosas emprezas.

Aos 15. de Outubro o Enviado de Castella apresentou a Vossa Alteza huma Carta del-Rey seu Senhor, & tinha Vossa Alteza motiuo pera crer, que esta Carta seria huma formal aceitação; porém não continha mais que hums vãos seguros de huma disposição pera aceitar a mediação de Vossa Alteza, & que antes de se declarar mais positivamente nesta materia, escreuera a todos os Collegados pera saber o seu parecer conforme a estipulação expressa, & inserta no tratado da liança feita entre elles, & conforme o estílo de que usara quando o Papa, & el-Rey de Inglaterra offerecerão a sua mediação. Razão verdadeira, ou specioso pretexto, mas por ventura era preciso o espaço de dous mezes, & meio pera que sahisse à luz, senão por se não querer aproveitar da pouca distancia que ha de Lisboa a Madrid, & he prouatuel que o tiuerão reseruado pera huma melhor occasião, se o Ministro de Castella não foubiera que já el-Rey Christianissimo approuara esta mediação.

Passados dous mezes, & meio, não ouuindo V. A. noua alguma desta communicação, resolveo Vossa Alteza, que se significasse

ficasse do Enviado de Castella, que já havia cinco mezes que Vossa Alteza offerecera a sua mediação, sem que lhe fosse dada alguma resposta positiva, posto que a dilação do tempo era sufficiente para muitas vezes virem novas das mais distantes partes da Europa. A resposta que deu foi cheia daquelles seguros de amizade, & boa intelligencia, debaixo de cuja sombra se traçara a conjuração; só acrescentou, não duvidava que Vossa Alteza, nam recebesse em breve tempo a resposta mais precisa que esperava, porque já estava informado do que se tratara com os Collegados sobre esta materia.

As mesmas instancias se fizeram ao Residente de Hollanda, que deu outra resposta quasi semelhante conforme se esperava.

Entre tanto, Senhor, de dous mezes para cá, li-fonjeam a Vossa Alteza com esta vã esperança. Sabese que os Plenipotenciarios já chegarão a Nimegues, que os preliminares do tratado já estão regulados pelo cuidado dos medianeiros, & entendo que neste instante se estão inteiramente discutindo os interesses differentes; & assim perde V. A. o fruto desta mediação, de que o desenho fora recebido com geral applauso dos poucos, posto que com tenções mui diversas. Os verdadeiros Portuguezes lhe acharão as mesmas ventajens, que V. A. & seus Ministros; mas o tributarios á Coroa de Castella o considerarão, como o impedimento, que havia de fazer a V. A. incapaz para tomar alguma resolução heroica, & justa, & tem esperança de poder dar hũa tão grande dilação à resposta sobre a aceitação, ou negação, com affectados vagares, ou com difficuldades attribuidas a seus aliados, que os Plenipotenciarios terão tempo para pôrem o tratado em altura de não poder admitir outro novo medianoite.

Este Senhor, he hum effeito da perspicacia dos Castelhanos, affaz conhecida, & experimentada; como tambem o he a de hum Ministro de V. A. que não duvidou de conde-

Enviado de Castella sentio diuersamente, & se quando o Secretario de Estado lhe pôz o despacho nas mãos, algum reparo o obrigou a que mudasse o espanto que mostrara, em huma especie de alegria polla proua de amizade que Vossa Alteza daua a seu Senhor, outro reparo mais pesado, & apparentemente mais conforme com as instrucçoens geraes que tem, o obrigou a que o dia seguinte não fallasse mais com termos tão posituios, representando ao Secretario de Estado que difficilmente poderia el-Rey Catholico dar a reposta sem o parecer dos seus confederados.

Este Senhor he o primeiro progresso que se fez em nome de Castella, & do qual se pôde claramente arguir, que Castella não imaginaua que Vossa Alteza se achasse em estado de levantar o pensamento a tão gloriosas emprezas.

Aos 15. de Outubro o Enviado de Castella apresentou a Vossa Alteza huma Carta del-Rey seu Senhor, & tinha Vossa Alteza motiuo pera crer, que esta Carta seria huma formal aceitação; porém não continha mais que alguns vãos seguros de huma disposição pera aceitar a mediação de Vossa Alteza, & que antes de se declarar mais positivamente nesta materia, escreuera a todos os Collegados pera saber o seu parecer conforme a estipulação expressa, & inserta no tratado da liança feita entre elles, & conforme o estylo de que usara quando o Papa, & el-Rey de Inglaterra offerêcerão a sua mediação. Razão verdadeira, ou specioso pretexto, mas por ventura era preciso o espaço de dous mezes, & meio pera que sahisse à luz, senão por se não querer aprouicar da pouca distancia que ha de Lisboa a Madrid, & he prouauel que o tiuerão reseruado pera huma melhor occasião, se o Ministro de Castella não foubiera que já el-Rey Christianissimo approuara esta mediação.

Passados dous mezes, & meio, não ouuindo V. A. noua alguma desta comunicação, resolveo Vossa Alteza, que se significasse

ficasse do Enviado de Castella, que já havia cinco mezes que Vossa Alteza offerecera a sua mediação, sem que lhe fosse dada alguma resposta positiva, posto que a dilação do tempo era sufficiente para muitas vezes virem novas das mais distantes partes da Europa. A resposta que deu foi cheia daquelles seguros de amizade, & boa intelligencia, debaixo de cuja sombra se traçara a conjuração; Sò acrescentou, não duvidava que Vossa Alteza, nam recebesse em breve tempo a resposta mais precisa que esperava, porque já estava informado do que se tratara com os Collegados sobre esta materia.

As mesmas instancias se fizeram ao Residente de Hollanda, que deu outra resposta quasi semelhante conforme se esperava.

Entre tanto, Senhor; de dous mezes para cá, não sonjeam a Vossa Alteza com esta vã esperança. Sabese que os Plenipotenciarios já chegarão a Nimegues, que os preliminares do tratado já estão regulados pelo cuidado dos medianeiros, & entendo que neste instante se estão inteiramente discutindo os interesses differentes; & assim perde V. A. o fruto desta mediação, de que o desenho fora recebido com geral applauso dos povos, posto que com tenções mui diversas. Os verdadeiros Portuguezes lhe acharão as mesmas ventajens, que V. A. & seus Ministros; mas o tributarios á Coroa de Castella o considerarão, como o impedimento, que havia de fazer a V. A. incapaz para tomar alguma resolução heroica, & justa, & sem esperança de poder dar hũa tão grande dilação à resposta sobre a aceitação, ou negação, com affectados vagares, ou com difficuldades attribuidas a seus aliados, que os Plenipotenciarios terão tempo para pôrem o tratado em altura de não poder admitir outro novo medianoiro.

Este Senhor, he hum effeito da perspicacia dos Castelhanos, assaz conhecida, & experimentada; como tambem o he a de hum Ministro de V. A. que não duvidou de cond-

condenar elle só os votos de todos, declamando apaixonadamente contra a proposição da mediação, até que chegou a dizer que era huma manifesta louquice; & se elle tem communicado, o seu parecer com maior publicidade, que os adoradores de Castella, he porque sabia melhor que ninguém os meios seguros que el-Rey de Castella tinha pera que esta mediação não tiuesse effeito; como tambem porque perfeitamente conhecia os segredos da politica do mesmo Rey, pera com o Reyno de Portugal.

Aqui, Senhor, pudera eu pôr fim ao discurso, & dizer a Vossa Alteza, que me parece ter representado as principaes razoes, que merecem ser ouvidas no seu Conselho; mas he difficiloso passar em silencio alguns discursos que se vão insinuando na Corte de V. A. Dizem que he verdade, que o tratado feito com Castella, he hum laço com grande destreza armado; que o feruor com que o pouo o pedira, nascia de hum impulso extrinseco, que o Embaixador de V. A. ficou aggrauado, a pessoa de V. A. arriscada; a sua mediação frustrada, & que poucas são as leys humanas, & diuinias, que os Castelhanos não tenham violado, em quanto Portugal adormece debaixo da sombra das suas palmas, & das folhas de hum tratado; mas que este não he tempo pera desfagruos, & que o Leão de Castella com mortaes feridas trespassado, & reduzido às vltimas agonias pede neste lamentavel estado a graça de V. A. como objecto da sua piedade, antes que da sua justiça. Que lastimosos são estes discursos! & que parecidos com os que se fizeram em Madrid, pellos quaes se offerecião, ha alguns annos, os coraçoes de Portugal; & as suas feruentes oraçoens pera o soccorro de Castella; mas porque estes rogos nam forão ouvidos do Ceo, conforme se póde arguir do successo das vltimas Campanhas; outros semelhantes se offerecem a V. A. pera se experimentar se terão melhor effeito. Não sei, se depois daquella 11 batalha funesta pera Africa, & Portugal,

gal, & felice pera Castella, os nossos pays acharaõ no Conselho de Madrid intercessoens taõ patheticas, como estas. A voz de hum Rey pera a defenſa da Chriſtandade mortalmente ferido, & agonizante sobre montes de nobreza eſtendida, a ſeus pês, oſgemidos de vinte mil homens cheos de gloria, & cubertos de ſangue, eram ſufficientes pera influir ternuras nos coraçoens Caſtelhanos, & pera os diſpor pera huma amigavel deſiſtencia das injuſtas pretençoens, que tinhaõ sobre nós; porẽm eſtas vozes não os abrandaram, mas antes os prouocaraõ, & entre todas as propoſiçoẽs de S. Sanctidade, entre todas as razoẽs de Portugal, entre todas as deciſoẽs dos Lu-riſcõſultos; foi ſó ouuida, & approuada 12 a q̃ eſtabelecia o direito de Felipe, nas mãos de 25. mil homens, & nas bocas de trinta peças de artelharia. Eis ahi Senhor, como hũa cruel politica cerrou os ouvidos a huma juſta compaixão, & conforme eſte exẽplo não deue V. A. ſeguir os mouimẽtos que naſcem de deſgraças imaginadas. Parece que Caſtella não tem forças, porque as de França ſe lhe opoem; as forças de Caſtella eſtaõ eſpalhadas, mas não eſtão abatidas, & não ſe deue julgar por mortal o mal que padece, porque he mal voluntario. A ſoberania que tem em Flandes, as ſuas vſurpaçoẽs em Italia, as ſuas pretençoẽs em Alemanha, & os ſeus vaſtos ſenhorios nas Indias, lhe miniſtraõ forças, de que ſõ os deſperdiços, occaſionaraõ a Portugal muitas lagrimas, ſe por hũa vã commiſeraçaõ, V. A. ſe não aproueitar de hũa occaſiã taõ fauoravel. Com eſta humilde, & raſteira de- moſtraçaõ das ſuas forças, imita Caſtella aquelle fabuloſo gigante, que ſentindo que ſe lhe diminuiã as forças, na por- fiã do combate, ſe deixaua cahir como morto, & depois de tocar a terra, ſe leuantaua mais alentrado, & formida- uel. Não ſe deixe V. A. leuar deſtas compaſſi- uas imaginaçoens; mas antes ouça a ſentença 13 do Oraculo dos politicos, que diſcretamente adurte, que aquelle que tem hum ambicioſo, & poderoso inimigo, ſempre ſe enganou quando pretendeo achar

Mercurio
de Syri Tom 2

12 Quia Inter
impotentes &
validos falli-
quifcas: vbi
manu agitur
modestia ac
probitas no-
mina ſuperio-
ris ſunt.
Tacit. de mor-
Geom.

achar a sua segurança no descanso, & que aonde as armas podem decidir as victorias, a modestia, & a inteireza, são encomios só pera o vencedor.

Estas são as maximas que V. A. deue seguir, & não dar tempo aos Castelhanos pera fazerem huma paz geral pera si, & huma guerra eterna pera nós, recolhendo dos quatro cantos da Europa as suas forças, aproueitandose do grande numero de Officiaes, que a continuação da guerra nos seus Reynos, & no Imperio não faltará de lhe dar, admitindo nos seus interesses varios Potentados, que podem achar grandes ventajens na repartição dos Estados de hum Principe, que tem senhórios nas quatro partes do mundo.

Toquei esta materia de passagem, posto que, Senhor, me parece digna de que V. A. a pondere com grande attenção. Os Estados incredulos 14 que se virão reduzidos a hum miseravel estado, por hauerem julgado este genero de lianças impossivel, & eu pera mim julgo que nada he impossivel neste seculo, em que Castella chegou a fazer huma tão estreita união com Hollanda; & suposto que outra semelhante união contra Portugal se não pudesse fazer, melhor he que V. A. deua à sua prudencia a conservação de seus Estados, do que à boa fee de seus inimigos.

Com huma segura preuenção se armará V. A. contra todas estas desgraças, leuando as suas armas victoriosas às terras dos inimigos, porque não se deue V. A. persuadir que a paz, & a guerra, estão na sua eleição. Está certa a guerra, ou a presente, ou pello discurso dos tempos, declarada por nós, ou denunciada pellos nossos inimigos; & assim escolha V. A. o que lhe parecer mais conueniente à sua reputação, & ao successo desta mesma guerra, & veja V. A. qual lhe está melhor, ter guerra nas entranhas do seu Reyno, ou metela nas terras dos inimigos, emprender guerra só, ou assistido com as armas de muitos Príncipes, empenhar-se na guerra, quando as forças do inimigo estão diuididas, ou quando forem juntas, quando

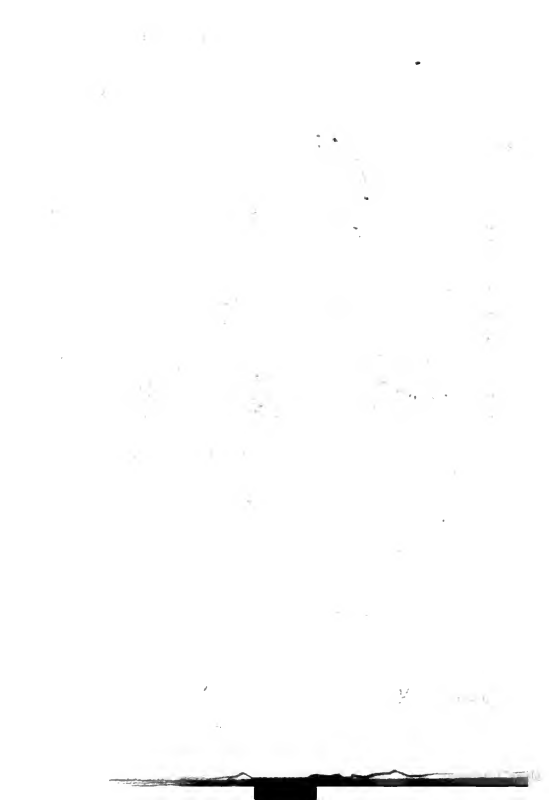
o ini-

14 Venezian-
la liança de
Cambray no
de 1508.

o inimigo está abatido , eu quando ser pcederoso : fazer guerra com huma cerreza moral da victoria , ou com a incerteza, que em outra occasiã acompanhará o destino das armas , andar metido nas desordens da guerra pera muitos annos , ou pera breue tempo ; porque he impossivel que dure muito essa guerra , se se emprender na svesporas da paz vniuersal. Em conclusã considere V.A. qual mais lhe conuenem, mudar hum estado incerto em outro muy seguro , no qual V. A. procurará diante dos olhos de toda a Europa , a justa satisfacão dos insultos que atêgora dissimulou, tornará a estabelecer o credito da nação Portugueza, & restituirá ao Reyno hum descanso seguro , & a mesma abundancia que ainda se lembra hauer logrado no tempo da guerra , & que vãamente esperou hauia de continuar no tempo da paz.

Eis ahi Senhor, o que tomo confiança de representar a V.A. se os acontecimentos da guerra sahirem à medida dos meus desejos, grandes serão as melhoras do Reyno, & muito maior a gloria de V.A. mas se não forem inteiramente ouuidos os meus votos , o zelo, & amor que tenho pera a pessoa de V.A. & pera a conseruacão da sua Real Coroa , seruirão ao menos pera desculpa da sñgeleza, com que tenho dito a Vossa Alteza, o que sinto em huma occasiã tão releuante pera os interesses de Portugal.





MC

